

Compliance: a disciplina começa de dentro

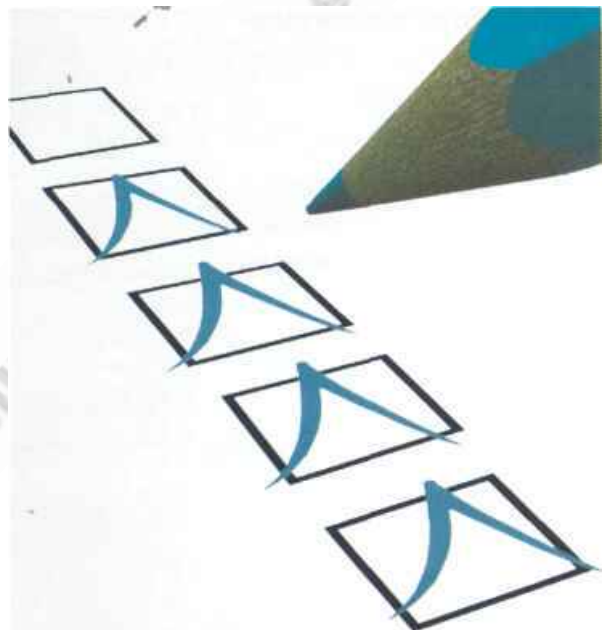
Por Marcelo Poli

Resultados são sempre bem-vindos, desde que acompanhados de governança corporativa. Uma gestão transparente, isenta de atalhos ou manobras ilícitas, confere boa imagem e permite o longo prazo a uma instituição. Baseado nesta lógica nasceu o "compliance", termo de origem inglesa que prega conformidade com a regulação do mercado e evita riscos atrelados à reputação.

"Com o aumento da regulação e dos padrões de transparência, surgiu a necessidade de profissionais qualificados para o objetivo de garantir essa conformidade e, como consequência, o movimento de criação do compliance", afirma Vanessa Manzi, autora do livro *Compliance no Brasil-Consolidação e Perspectivas*. Segundo Vanessa, o conceito já está amadurecendo no País, principalmente entre instituições financeiras. Isso porque os bancos mostram-se radicalmente avessos à ameaça de envolvimento em escândalos.

Há dez anos, o Conselho Monetário Nacional publicou a Resolução 2.554, exigindo a implantação de controles internos nas instituições, com o objetivo de reduzir os riscos aos quais as atividades bancárias estão expostas. Na mesma época, foi publicada a Lei 9.613, que dispõe sobre crimes de lavagem de dinheiro ou ocultação de bens, e sobre a prevenção do uso do Sistema Financeiro Nacional para atos ilegais. Além disso, a criação do Coaf (Conselho de Controle de Atividades Financeiras) formalizou a investigação de casos suspeitos.

Essa evolução normativa e prática indica cuidado especial entre os bancos, mas não são apenas eles que aplicam o compliance. Atualmente, outros nichos estão adotando esse princípio, como as empresas de capital aberto que buscam melhores práticas em governança corporativa. Porém, com exceção das instituições financeiras, ainda há muito a se avançar. Esta é a opinião do coordenador do Centro de Estudos em Governança Corporativa e professor da Fipecafi, Alexandre De Miceli. "Quando falamos em compliance, temos de separar as empresas em dois grupos. O primeiro é referente às companhias financeiras, que estão bastante avançadas neste quesito. Já o segundo reúne as demais companhias operacionais. Tenho bastante contato com essas empresas e percebo que muita coisa precisa ser aprimorada",



afirma o professor. Ele descreve ainda quais as grandes lacunas remanescentes: "conselhos de administração e estruturas societárias são os principais pontos em que é preciso melhorar".

Ao avaliar a aplicação do compliance dentro de uma empresa, Di Miceli explica que o trabalho de mapeamento dos controles internos é fundamental, sobretudo, quando relacionado aos aspectos operacionais, que podem causar impactos significativos ao fluxo de caixa. Nesse mapeamento, a tecnologia da informação é requisito, pois combina todos os controles internos. Assim, minimiza-se o risco de que a conformidade em uma área específica implique contradições com as melhores práticas para outros departamentos da empresa. Está aí uma amostra de que a disciplina deve começar de dentro, como iniciativa própria da empresa. Por isso, leis impondo iniciativas de compliance nunca são tão eficazes quanto a auto-regulação ou o reconhecimento do próprio mercado.